

UM COFRE DE RECORDAÇÕES: lembranças da infância e da educação na narrativa de João Simões Lopes

EDUARDO ARRIADA*

RESUMO

O texto apresenta exemplos da produção memorialista de João Simões Lopes, destacando seus aspectos mais importantes e considerações sobre a educação. A autobiografia, inscrita sob outros nomes, é hoje considerada tanto documento literário quanto documento histórico. Estabelece-se a idéia de que a memória do narrador e os instrumentos de análise e interpretação do pesquisador são elementos que se imbricam e complementam para melhor compreender a realidade em estudo.

PALAVRAS CHAVES: Memória, escrita autobiográfica, infância, educação.

INTRODUÇÃO

Para preencher estas páginas com pensamentos, é necessário ter-se alguma erudição, o que a mim me falta; entendo porém que sendo este álbum exclusivamente um cofre de recordações de uma família, o acanhamento me será pretensioso.

Sou jovem, amo aos meus, e só quero ver-me rodeado por eles; o futuro que tenho diante de mim é grande em relação a minha idade; não sei porém se saberei guiar-me, e com constância e ardor, vencer a enorme barreira dos contratempos e desgostos, que forçosamente se me hão de apresentar no decorrer de minha existência. O tempo e os acontecimentos far-me-ão medir meus passos, e modificar constantemente meu modo de pensar para com os homens.

Pelotas, 22 de junho de 1894. João Simões Lopes.

Essas notas escritas num papel avulso são extremamente relevantes no sentido de pontuar a preocupação do autor de tentar perpetuar por escrito os prováveis esquecimentos que a vida ocasiona. Motivo que o levará futuramente a escrever a sua autobiografia.

* Professor da Faculdade de Educação da UFPel; Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-RS. E-mail: gabynogueira@uol.com.br

Este estudo tem como objetivo analisar o manuscrito de João Simões Lopes intitulado por ele próprio *História de sua vida*¹. No presente estudo, esse tipo de escrita é denominado “escrita para si”. Na construção teórica do trabalho, utilizei as análises desenvolvidas por Benjamin (1993, 1996), Chartier (2001, 2002), Gomes (2004), Cunha (2002), Bastos (2002) e Foisil (1991). Busca-se acima de tudo aprofundar como a tessitura desse escrito foi urdida, de quais “ferramentas” utiliza-se o autor para a construção de sua autobiografia, para num segundo momento “retirar” do texto certas informações relevantes e pertinentes à educação.

Essa autobiografia foi escrita cinco ou seis anos antes do falecimento do autor, ou seja, quando ele contava 58 anos. Esse dado é fornecido por sua sobrinha em nota da família ao pé de página do manuscrito². O manuscrito faz parte de um álbum da família, com 205 páginas numeradas. A escrita é clara, legível e muito bem redigida, denotando tratar-se de pessoa culta e refinada. O autor dividiu o relato em diversos capítulos, tendo por início uma breve “Considerações filosóficas”, depois constam diversos subtítulos: “Memórias – 31 de março de 1874 – nascimento do menino”; Primeiros anos de vida; Primeiras recordações; Minha entrada para o Colégio; Festa da Serra; Viagem para o Rio de Janeiro, maio de 1885 – minha internação no Colégio Abílio; Viagem de regresso à terra natal – dezembro de 1889; Viagem a Uruguaiana – maio de 1890; Minha ida para Porto Alegre – agosto de 1890; Empregado de Latirgau Freres – fins de 1891; Na Casa “A Predileta” – 1892; Chegada à Vila de Nazareth – 1893; Viagem de regresso ao Rio Grande, no vapor alemão “Antonina” – 1893; Novamente em Pelotas, vida de solteiro – 1894; Compra de uma casa comercial – 1897; Chácara da Serra dos Tapes – 1898; Organização da “Granja São João” – 1898; Arrendamento da Invernada de Correntes – 1903 (estancieiro); Novamente na Granja São João – 1908 e 1909; Primeira Viagem à República Argentina – 1910; De Buenos Aires ao Rio de Janeiro no vapor “Astúrias” – dezembro de 1910; Lavoura do Cotovelo – 1912.

João Simões Lopes nasceu em 31 de março de 1874, em Pelotas, e faleceu na mesma cidade em 19 de fevereiro de 1937. Filho de João Simões Lopes Filho, futuro Visconde da Graça, o qual teve dois

¹ Agradeço a sensibilidade de Mogar Pagano Xavier, que gentilmente cedeu-me uma cópia do original.

² Consta a seguinte nota ao pé de página do manuscrito, com letra distinta: “Pertence a Suely Duarte Simões. Acho que tio Joãozinho faleceu uns 5 ou 6 anos depois de começar a escrever a sua vida”.

matrimônios: com Eufrásia Gonçalves Vitorino, em primeiro de junho de 1836, tendo doze filhos; em segundas núpcias, com Zeferina Antonia da Luz, em primeiro de julho de 1857, nasceram dez filhos, um deles o autor aqui estudado. Esses filhos por ordem de nascimento foram: Arminda, Antônio, Ismael, Justiniano, Ildefonso, Manoel, Clotilde, Regina, João e Augusto.

Assim, João Simões Lopes é tio pelo lado paterno do famoso escritor regionalista João Simões Lopes Neto³, gentes que por uma tradição familiar perpetuavam o nome do avô.

Era comum no século XIX, além dos registros documentais, assim como nos “livros de assento”, diários, memórias, autobiografias, buscar-se no âmbito privado preservar e perpetuar os principais fatos familiares, tais como nascimentos, casamentos, viagens, mortes, estudos, negócios, etc. Dessa forma exerciam estratégias que impedissem o esquecimento de acontecimentos considerados relevantes e possibilitavam que os descendentes conhecessem a história de seus antepassados.

1 – ESCRITA PARA SI: ALGUMAS QUESTÕES TEÓRICAS

Esse tipo de escrita, “escrita para si”, se não chega a constituir-se em uma raridade, não chega por sua vez a ser um documento comum. Textos de cunho memorialístico sempre estiveram presentes na historiografia brasileira. Muitos constituem-se hoje em clássicos nesse gênero, podendo ser rapidamente arrolados alguns deles: *Minha formação*, de Joaquim Nabuco⁴; *Memórias de um senhor de engenho*, de Júlio Belo⁵; as memórias do Visconde de Taunay⁶, Gilberto Amado⁷, Helena Morley⁸, entre outros. Entre os autores do Rio Grande do Sul, também há obras memorialísticas consideradas clássicas – de Augusto Meyer⁹, João Neves da Fontoura¹⁰, Cecília Assis Brasil¹¹, João Daudt

³ Autor dos *Contos gauchescos*, *Lendas do Sul* e *Casos do Romualdo*.

⁴ NABUCO, Joaquim. *Minha formação*. Rio de Janeiro; Paris: H. Garnier, 1900.

⁵ BELO, Júlio. *Memórias de um senhor de engenho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938.

⁶ TAUNAY, Visconde de. *Memórias*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1948.

⁷ AMADO, Gilberto. *História da minha infância; Minha formação no Recife; Mocidade no Rio e Primeira viagem à Europa*, entre outros. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954-1955.

⁸ MORLEY, Helena. *Minha vida de menina*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

⁹ MEYER, Augusto. *Segredos da infância*. Porto Alegre: Globo, 1949.

¹⁰ FONTOURA, João Neves da. *Memórias*. Porto Alegre: Globo, 1958. v. 1: Borges de Medeiros e seu tempo. _____. _____. Porto Alegre: Globo, 1963. v. 2: A Aliança Liberal e a Revolução de 30.

¹¹ ASSIS BRASIL, Cecília. *Diário*. Porto Alegre: L&PM, 1983.

Filho¹², Pedro Vergara¹³. Contudo, ressaltamos que todos esses trabalhos foram editados; o texto de que nos ocupamos neste trabalho, *História de sua vida*, de João Simões Lopes, além de manuscrito, permanece inédito, o que valoriza ainda mais o seu estudo.

É possível que o ineditismo desse tipo de “escrita para si” deva-se à pouca valorização ou mesmo desconsideração de quem escreve, acabando assim relegado/guardado no fundo de alguma gaveta da própria família, que geralmente também não sabe dar o devido valor. Em muitos casos, pior ainda, acaba sendo consumido pela voracidade das latas de lixo.

Nos dias atuais, memórias, diários, autobiografias, cartas, bilhetes, anotações, enfim “escrituras ordinárias”, passam a ter revalorização enquanto documentos históricos, constituindo-se em verdadeiros tesouros para os historiadores da cultura. Esse novo olhar deve-se ao caráter excepcional e às vezes único de alguns aspectos abordados, seja por ver de ângulos diferentes certas facetas de um acontecimento, seja ainda pela mera curiosidade de desvendar a intimidade de um passado que já foi.

Quem escreve “escrita para si”, escreve com que finalidade? Sabe-se que essa prática é bastante antiga. Contudo ela ganha novos contornos, mais específicos, com a constituição do individualismo moderno.

Uma idéia que confere à vida individual uma importância antes desconhecida, na abordagem de Ângela de Castro Gomes (2004, p. 16), torna a matéria digna de ser narrada como uma história que pode sobreviver na memória de si e dos outros. É esse o sentido da feliz observação de Levillain, quando assinala que, se o ato de escrever sobre vidas é muito antigo, a idéia de que a vida é uma história é bem mais recente. E é esse fundamento que está na base do que se considera a escrita biográfica e autobiográfica (LEVILLAIN, apud FOISIL, 1991, p. 333).

Impõe-se certa distinção entre memórias e autobiografias. Foisil (1991, p. 333) deixa bem clara essa dicotomia: memórias históricas e autobiografia – não se pode confundir os dois gêneros. A autobiografia, que surge muito mais tarde, obedece a uma definição estrita que a distingue das memórias e até a contrapõe a estas: no ensaio que dedicou ao tema, Philippe Lejeune, segundo Foisil (1991, p. 333), define a autobiografia como o relato retrospectivo em prosa que alguém faz da própria existência quando coloca a ênfase principal em sua vida individual, sobretudo na história de sua personalidade. Relato da própria

¹² DAUDT, João. *Memórias*. Rio de Janeiro: Gráfica Mauá, 1936.

¹³ VERGARA, Pedro. *Lembranças que lembram: memórias*. Porto Alegre: Grafosul; IEL, 1976, 1979 e 1982.

existência, ênfase na vida individual, história da personalidade do autor: são aspectos essenciais em oposição às memórias históricas, que privilegiam o fato histórico e a ele subordinam a pessoa.

Essas “escritas para si” podem caracterizar a trajetória individual e pessoal de quem escreve, bem como esclarecer, iluminar, preencher lacunas e hiatos que outros tipos de fontes por si só nem sempre são suficientes para fazer.

Quanto mais recuados no tempo, tanto mais raros são esses escritos. O relato de Simões Lopes constitui uma “escrita para si” na maior parte relativa ao século XIX. Relatos do cotidiano, dos hábitos, dos costumes, da vida rural, das atividades dos escravos, dos meios de transporte, das brincadeiras infantis, das práticas escolares, das rotinas familiares. Os historiadores preocupados em pesquisar aspectos das representações vividas encontram aí um campo aberto de perspectiva de análise.

Nem sempre é o relato dos grandes homens públicos; agora há uma invasão dos homens simples, comuns, os “zê-ninguém” na rica expressão de Reich. O nascimento das sociedades modernas coincide com um processo amplo que atinge diversas camadas. O ato de ler, escrever se universaliza, permitindo que a pessoa comum, “sem eira nem beira”, expresse seus sentimentos, deixe fluir o mais fundo de seu eu.

No ensaio “A imagem de Proust”, Benjamin (1993, p. 40) tece um rápido comentário:

Nem sempre proclamamos em voz alta o que temos de mais importante a dizer. E, mesmo em voz baixa, não o confiamos sempre à pessoa mais familiar, mais próxima e mais disposta a ouvir a confidência. Não somente as pessoas, mas também as épocas, têm essa maneira inocente, ou antes, astuciosa e frívola, de comunicar seu segredo mais íntimo ao primeiro desconhecido.

Esse tipo de “escrita para si” possui um tom mais coloquial e intimista, deixando frestas do cotidiano familiar serem “espiadas” pelos de fora (no caso, os leitores). Como não buscam oficialmente o registro nem a publicação, de suas páginas brotam “escrituras de intimidade”, que desvelam nuances do cotidiano repleto de estratégias de convivência, numa época permeada pelas diferenças sociais.

2 – PENETRANDO NA INTIMIDADE: BRINCAVA-SE MUITO E ESTUDAVA-SE POUCO

Quase como uma justificativa, João Simões Lopes expõe as razões que o levam a escrever essa história de sua vida. “Não se trata

de um trabalho literário; também não serão publicadas estas linhas. Elas historiam a vida de um modesto filho da cidade de Pelotas, no Estado do Rio Grande do Sul, história que ele próprio resolveu contar com a maior fidelidade, para dedicar a seus descendentes quando Deus quiser chamá-lo ao descanso eterno” (p. 1).

Os primeiros tempos de sua infância são reconstituídos principalmente a partir dos relatos de sua irmã mais velha, Arminda¹⁴, então com 16 anos, irmã que durante toda a sua vida será presença marcante. Descreve seu nascimento, quem são seus pais, o local onde veio ao mundo, as primeiras doenças, os tratamentos, quem são os médicos da família, a viagem com três meses para a chácara na Serra dos Tapes, entre outros acontecimentos. Em sua fala percebemos certo saudosismo. “Geralmente, nas viagens longas, tais veículos eram acompanhados por uma tropilha de cavalos para muda. Essa era também a época dos velhos professores, Abreu, Noronha, Coruja, Missimi, Bibiano de Almeida, Washington Barcelos, Laquintinie e outros. Abençoado foi esse tempo de promessa” (p. 6).

Logo o autor passa a descrever o que talvez fora possível sua memória registrar: “Quando eu tinha 5 anos e 4 meses de idade, e disto me recordo vagamente, efetuou-se o casamento de minha irmã Arminda com o Sr. Alfredo Augusto Braga” (p. 6).

Ao longo de todo o texto percebemos quanto a presença e convívio com essa irmã foi forte e marcante na vida de João Simões Lopes.

O relato é mais ou menos cronológico. Aos oito anos, o menino vai para o colégio:

Meu pai meteu-me no primeiro Colégio do Sr. Missimi, pai dos senhores, Luis Carlos, Afonso e Amadeu Massô; os dois primeiros já faleceram, o último atualmente Coronel reformado da Brigada Militar do Rio Grande do Sul. O Colégio Missimi funcionava no prédio da Rua da Igreja, hoje rua General Victorino, casa de residência de Dona Yayá Mascarenhas, veneranda mãe do Dr. Balbino Mascarenhas, médico e industrial em Pelotas. Nesse Colégio aprendi as primeiras letras; aprendi a ler, escrever e contar. Após algum tempo, fui transferido para o Colégio do Sr. Washington Barcelos, também na Rua da Igreja, prédio hoje ocupado creio que pelo cartório de Registro de Imóveis. O Sr. Washington Barcelos era irmão do Dr. Cipriano Barcelos e já faleceu há muitos anos (p. 8-9).

¹⁴ LOPES, João Simões. *História de sua vida* (Manuscrito, p. 4). “Todas estas ocorrências foram acompanhadas de perto por minha irmã Arminda, cujas recordações muito me auxiliaram na reconstituição das primeiras cenas da minha vida”.

Posteriormente, também foi aluno do conhecido educador Bibiano de Almeida, cuja escola funcionava na rua São Miguel, atual 15 de Novembro. Nostalgicamente, ele comenta: “inúmeras são as minhas recordações daquela época que, infelizmente, nunca mais voltará” (p. 9).

Brincava-se muito e estudava-se pouco, a despeito de ser o Sr. Bibiano um dos mais ilustrados mestres daqueles tempos. Era um homem muito bondoso e devia contar 50 anos, mais ou menos. Tinha ele uma filha moça, morena, bonita, de cabelos negros, que chamava-se Dona Neta, e era professora dos menores, a cuja classe eu pertencia. Nessa época eram os meninos acompanhados até o Colégio por algum escravo da casa; creio que, por muitas vezes, fui levado pelo Tobias, criado particular de meu pai e também copeiro em nossa casa. Tobias era conhecido por nós, em casa, pela alcunha de Pelé, alcunha que lhe foi posta por meus irmãos Justiniano e Maneca (p. 9).

Assim como no *Conto de escola* de Machado de Assis, para o aluno Pilar, 10 anos, as atrações da rua eram uma tentação, aqui também para o menino João, 9 anos, o mundo da rua era fatal e envolvente, muitas vezes mais atrativo que a sala de aula. Do mesmo modo, no conto machadiano e na autobiografia de João Simões, o literato e o histórico se cruzam e se complementam; em ambos o aparato de fiscalização e controle encontram-se presentes. No conto de Machado, temos um retrato vivo e pulsante da escola brasileira em pleno período regencial¹⁵. Por sua vez, João Simões Lopes traça um retrato pitoresco, fresco e revelador de facetas das práticas cotidianas, educativas e disciplinares do século XIX:

Lembro-me bem que, quando eu passava, vindo do Colégio Bibiano, minha tia Candinha vigiando-me da janela da Rua São José, e quando achava que eu não me estava portando bem na rua, mandava buscar-me pelo seu criadinho particular, o João Coimbra Barbosa, já falecido; que foi criado por ela. Era esse o tempo em que usávamos um brinquedo perigoso, que se chamava “funda”; consistia ele em uma pedra retoumada de couro, que manejavamos com força, amarrada na ponta de uma cordinha forte. A funda era uma arma de defesa, que empunhávamos quando brigávamos com algum colega, ou mesmo com qualquer moleque que encontrávamos nas ruas. A funda era um brinquedo

¹⁵ ASSIS, Machado de. *Conto de escola*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002. Estudos sobre esse texto podem ser lidos em BASTOS, Maria Helena Câmara. Conto de Escola. In: _____. *História da Educação*. Pelotas: UFPEL, v. 7, n. 14, set. 2003; GLEDSON, John. Uma lição de história: “Conto de escola” de Machado de Assis. In: JOBIM, José Luis (Org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

proibido pelos mestres-escolas; só o usávamos ocultamente, na rua ou no campo, à margem do arroio Santa Bárbara, ponto que era sempre convenicionado para os nossos encontros e decisões de nossas contendas infantis (...). Jogávamos também na margem do Santa Bárbara o “jogo da pena”, no qual ganhávamos ou perdíamos penas novas, “Mallat”, ou “pressões” (sic) de ótima qualidade (...). Jogávamos o jogo da “barra”; apostávamos ao salto de altura ou de distância, jogávamos o pulso, enfim, tudo fazíamos para desenvolver o físico (p. 10-11).

Depois de uma experiência de vida em Pelotas, onde o autor cursou as primeiras letras, sua família, por decisão paterna, em maio de 1885, encaminha o menino em companhia de seus irmãos maiores, Nonoca e Fonseca, para o Colégio Abílio, no Rio de Janeiro. A intenção de seus progenitores era de que nesse grande centro urbano os rapazes pudessem uma boa e sólida formação. Assim se refere o autor dessas memórias: “segui para o Colégio Abílio, do Dr. Abílio César Borges, Barão de Macaúbas, casa de ensino das melhores de nosso país, naquela época, e onde já haviam estudado meus irmãos Antonio e Ildefonso”. O primeiro desses dois irmãos já estava na Escola Politécnica e o segundo no Curso Anexo.

Contudo, logo após chegar ao Rio de Janeiro, foi matriculado no Colégio Reis:

Eu já tinha entrado para o Colégio Reis, sócio do Dr. Abílio, cujo diretor era o Sr. Epifânio Reis; esse Colégio estava instalado num belo palacete, enorme, no centro de um grande parque, na rua do Ipiranga, a poucas quadras da rua do Leão. Meu irmão Nonoca meteu-me nesse Colégio por estar mais perto de sua casa e o professorado ser muito bom. O Barão de Macaúbas, Sr. Abílio César Borges, tinha outro Colégio, o verdadeiro e tradicional “Colégio Abílio”, de sua fundação, e que funcionava na “Praia de Botafogo”, no palacete azul, que, naquela época, era dos melhores prédios da aristocrática praia (p. 41).

Em sua autobiografia, continua João Simões Lopes a descrever nuances, aspectos, rotinas de seu viver no Rio de Janeiro. A permanência no Colégio Reis, bem como no Colégio Queiroz, será relativamente curta.

No Colégio Reis, João começa “a estudar as matérias do curso primário; o internato tinha três seções, maiores, médios e menores; eu ainda fazia parte da seção dos menores” (p. 42).

Interessante é o registro da recepção dada aos calouros:

Nos primeiros dias eu tinha que passar pelas provas aplicadas naquela época, aos calouros ou bichos, isto é, a todos os alunos que entravam nos

colégios pela primeira vez. Assim, eu recebi apenas alguns trotes, tendo sido poupado das outras provas que eram brutais, a pedido de dois veteranos, os irmãos Miranda Carvalho a quem eu estava recomendado. Lembro-me do pouco tempo que freqüentei o Colégio Reis, era bedel (p. 42).

Entre outras razões que levaram a família a retirar o menino do Colégio Reis, onde cursou apenas seis meses, estavam as constantes violências e arruaças que ocorriam nesse estabelecimento. “Quando havia alguns incidentes mais sérios com qualquer aluno que faltasse o respeito ao Reis, este mandava chamar o roupeiro e dizia-lhe aos berros: ‘Manuel, agarra-me este biltre por uma asa e leva-o para a cafera da caveira’” (p. 43).

Mudando-se a família (diga-se os irmãos) para a rua do Catete, João Simões acaba sendo matriculado no pequeno colégio particular do Sr. Queiroz, que, assim como o Sr. Reis, era também mulato e baiano. O prédio onde funcionava o estabelecimento era um sobrado de dois andares; no primeiro funcionava o colégio, que tinha um número reduzido de alunos, todos externos e meio-pensionistas. Só seis eram alunos internos. O autor nos dá um pequeno informe sobre essa escola: “O aspecto interno desse pequeno Colégio era o de uma grande casa de família. O Sr. Queiroz era o proprietário, diretor interno e professor de muitas matérias. Só havia como professor de fora o Dr. Meirelles (...). Estudei como aluno interno, no colégio Queiroz, uns 8 meses, mais ou menos. Fui então levado para o Colégio Abílio” (p. 44).

3 – NO COLÉGIO ABÍLIO

O relato de João Simões Lopes a respeito do Colégio Abílio é longo, detalhista e minucioso. Não sendo possível reproduzirmos todas as nuances educativas, as práticas pedagógicas, o cotidiano escolar, tentaremos salientar alguns aspectos significativos na ótica do memorialista. Seu ingresso ocorre no segundo semestre de 1886.

O Colégio Abílio era de propriedade de Abílio César Borges (1824-1891), também conhecido como Barão de Macaúbas, famoso educador brasileiro, que exerceu o magistério na Bahia, sendo nomeado Diretor Geral da Instrução, em 1856. Nesse Estado fundou o Ginásio Baiano em 1858, do qual foi diretor por 14 anos. Transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde fundou em 1871 o Colégio Abílio. Um relato minucioso do espaço do Colégio Abílio no Rio de Janeiro, feito por seu filho Joaquim Abílio em 1896, serve como parâmetro de comparação com a descrição feita pelo aluno João Simões Lopes. De acordo com o filho de Abílio Borges,

O Colégio está situado na Praia de Botafogo, no palacete e chácara que pertencera ao Sr. Barão do Alegrete. O lugar é bem conhecido pela sua salubridade, e a casa como a primeira do Império onde funcionaram estabelecimentos desta ordem. Muito distante da cidade, banhada pelo mar ao nascente, abrigada do sol e do poente por morros elevados; sempre batida por ventos frescos e limpos (...). A casa edificada com todas as condições de habitação nobre e ampla, dividida em pavimentos colocados muito acima do solo, composta de salões extensos em superfície e altura, muito ventilados, fornece aos alunos dormitórios em condições de completa isenção para infecções provenientes das grandes aglomerações de habitantes. Debaixo das prescrições higiênicas mais severas, os dormitórios, em número de 6, podem comportar 300 camas, separadas por um metro e meio em largura e por 2 metros em comprimento (Joaquim Abílio, 1896, p. 143-144, apud GONDRA, 1999).

Por desavenças com o seu sócio, Epifânio Reis, Abílio Borges acaba abandonando o Rio de Janeiro e transferindo o seu educandário para Minas Gerais. No início de 1881, instala o Colégio Abílio em Barbacena. Porém, em 1888 retorna para a Corte do Império, onde com seu filho Joaquim Abílio Borges, reabre o Colégio Abílio, no início na praia do Botafogo, depois na Rua Marquês de Abrantes.

Esse educador, retratado de forma caricatural por Raul Pompéia no romance *O Ateneu*, ao longo de sua vida preocupou-se com a formação dos professores, conforme se verifica em diversas teses por ele apresentadas, caso do Congresso Pedagógico de Buenos Aires. Diversas vezes viajou para o exterior em busca de ampliação de seus conhecimentos. Quando esteve à frente da Diretoria da Instrução Pública da Bahia, lutou pelo fim dos castigos físicos na escola.

Não se pode esquecer, contudo, que o modelo de educação que ele propugnava era destinado a meninos da elite imperial, além de defender arduamente o ensino particular.

Macaúbas foi quem aboliu o uso da palmatória, castigo humilhante que era usado em todos os colégios. No entendimento da época, o Barão de Macaúbas era um verdadeiro nobre, ilustrado e distinto educador.

Na percepção de João Simões Lopes (p. 45-46), o corpo docente do Colégio era “especialíssimo”; todos os professores, homens ilustrados e importantes. Avalie-se bem, e é o autor quem fala, como o Colégio Abílio se podia orgulhar de seu corpo docente: lecionava português o Dr. Joaquim Abílio; aritmética, o Dr. Benjamin Constant; geografia, o sábio José Felicíssimo Ferreira Braga; francês, um professor belga, Monsieur Artur Stievenart. As demais matérias tinham como professores os melhores lentes da Escola Militar. Como

professores de cultura física, ginástica e esgrima, patinação, natação, possuía o Colégio os melhores do Rio.

Simões Lopes arrolava ainda como professor de cartografia o Sr. Lomelino de Carvalho, autor de um Mapa dos Estados do Brasil. Entre esses professores, tanto Lomelino de Carvalho como José Felicíssimo Ferreira Braga são as suas grandes admirações. Este último, ele chega a comparar com Capistrano de Abreu.

Em outras partes de sua autobiografia, João Simões Lopes (p. 47-48) descreve o refeitório, o belo e extenso parque, arborizado, cheio de árvores frutíferas, especialmente mangueiras, jaqueiras, tamarindos, fruta-pão, abacateiros, cajueiros, etc., bem como palmeiras, algumas de grande porte, que ofereciam sombra deliciosa nas horas de maior calor (sic).

Sendo um dos melhores alunos, se não o melhor, na disciplina de cartografia, o autor foi selecionado pelo Colégio Abílio para apresentar um vasto mapa do Brasil na Exposição Pedagógica de 1888, no Rio de Janeiro. Em seu relato ele diz que não tem lembrança da medida exata, mas afirma que o mapa media quatro metros de altura por uns quatro de largura. Depois de pronto, ocupou uma grande parede do salão de desenho.

Vale transcrever as lembranças retratadas pelo autor:

O Dr. Abílio achava que eu tinha pendor pela cartografia, sendo-me liberado de viver mais desenhando do que estudando. Cabe neste momento, uma nota que faz parte integrante das minhas memórias. No ano de 1888, realizava-se a grande Exposição Pedagógica, em que tomariam parte os principais colégios do Rio, tais como: “Colégio Abílio”, “Colégio Pedro”, São Pedro de Alcantara”, etc. (p. 51).

Chegou, afinal, o dia do famoso concurso pedagógico, que se efetivou no edifício da “Instrução Pública”, naquela época no grande prédio, mais tarde reformado, onde funciona atualmente a “Imprensa Nacional”.

Vastos salões achavam-se repletos de trabalhos dos vários colégios que todos escolheram os seus melhores desenhistas entre os alunos. Havia uma profusão de ótimos trabalhos (p. 52).

O julgamento dos trabalhos expostos ia ser feito por sua Alteza, a Condessa d’Eu, perante sua majestade Dom Pedro II, que também compareceu. Foram distribuídos artísticos programas impressos. Estavam destinadas medalhas de ouro aos alunos que apresentassem o primeiro trabalho de cada categoria (p. 53).

O grande edifício estava repleto de tudo quanto havia de mais distinto na sociedade carioca; famílias dos mais notáveis monarquistas e homens de outras cidades (p. 54).

Ao dedicar diversas páginas à sua participação na Exposição Pedagógica, o autor demonstra quão marcante lhe foi esse evento. João

Simões Lopes conquistou o primeiro lugar em cartografia e recebeu a sua medalha e os cumprimentos pessoalmente de Suas Altezas Reais. Findo o período de estudos, o autor acaba voltando ao Rio Grande do Sul. A monarquia fora derrubada, e agora estamos nos primeiros anos do período republicano. Acompanhado de seu pai, João Simões Lopes Filho (Visconde da Graça), e de seu irmão Catão Bonifácio, assim como de seu sobrinho João Simões Lopes Neto, o famoso regionalista, passa um período de três meses vivendo na zona rural, na famosa estância da família em Uruguaiana.

Em agosto de 1890, Lopes encontra-se em Porto Alegre, trabalhando no comércio. Em 1892, em viagem a São Paulo, aproveita a ocasião e visita o Rio de Janeiro, não deixando de visitar o Colégio Abílio, onde é muito bem recebido e pode matar a saudade de diversos professores e colegas.

Com o falecimento do pai, em 25 de outubro de 1893, herda uma grande fortuna que aos poucos irá dilapidar. Envolve-se em diversos negócios, dedicando-se principalmente às questões agrárias, sendo pioneiro, junto com o Coronel Pedro Osório, da introdução da lavoura de arroz em nosso estado.¹⁶

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp; Associação de Leituras do Brasil, 1999.

ALVES, Isaias. *Vida e obra do Barão de Macahubas*. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.

ARRIADA, Eduardo. "Uma história dos sem nomes": a visão de história em Walter Benjamin. *História da Educação*. Pelotas: UFPEL, v. 7, n. 14, set. 2003.

BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (Org.). *Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF, 2002.

BENJAMIN, Walter. *Cuadros de um pensamiento*. Selección, cronología y postfacio de Adriana Mancini. Buenos Aires: Imago Mundi, 1992.

_____. *Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

_____. *Escritos autobiográficos*. Madrid: Alianza, 1996.

BORGES, Joaquim Abílio. *Opinião da Imprensa*. 1896. v. 1.

CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e história*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

¹⁶ O autor publicou sobre o assunto o seguinte livro: *Cultura do Arroz*. Pelotas. Livraria Universal, 1914.

_____. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

FOISIL, Madeleine. A escritura do foro privado. In: CHARTIER, Roger (Org.). *História da vida privada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v. 3: Da Renascença ao Século das Luzes.

GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Org.). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GONDRA, José Gonçalves. Abílio César Borges. In: FÁVERO, Maria de Lourdes; BRITTO, Jader de Medeiros. *Dicionário de Educadores no Brasil: da colônia aos dias atuais*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ; MEC-INEP, 1999.

JARQUE, Vicente. *Imagen y metáfora: la estética de Walter Benjamin*. Cuenca: Gráficas Cuenca, 1992.

JOBIM, José Luis (Org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: TopBooks, 2001.

LOPES, João Simões. *História de sua vida*. [Manuscrito, 1932].

MASTROGREGORI, Massimo. Historiografia e tradição das lembranças. In: MALERBA, Jurandir (Org.). *A história escrita: teoria e história da historiografia*. São Paulo: Contexto, 2006.

POMPÉIA, Raul. *O Atheneu: chronica de saudades*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1905.

PONTES, Eloy. *A vida inquieta de Raul Pompéia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

